

Prezados investidores,

No 3º trimestre de 2024, o Brasil Capital FIA (BC FIA) e o Brasil Capital 30 FIA apresentaram uma alta de 2,3% e 2,2%, respectivamente, enquanto o Ibovespa subiu 6,4% no período.

Retornos BC FIA			
	3T24	Ano	Início (a.a.) *
BC FIA	2,3%	-9,2%	18,9%
IGPM+6%	2,9%	7,9%	13,5%

Retornos BC 30 FIA			
	3T24	Ano	Início (a.a.) **
BC 30 FIA	2,2%	-9,4%	9,9%
Ibovespa	6,4%	-1,8%	7,0%

Fonte: Brasil Capital e Bloomberg

Janelas referentes ao fechamento de setembro/24

*Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC FIA: 13/10/2008

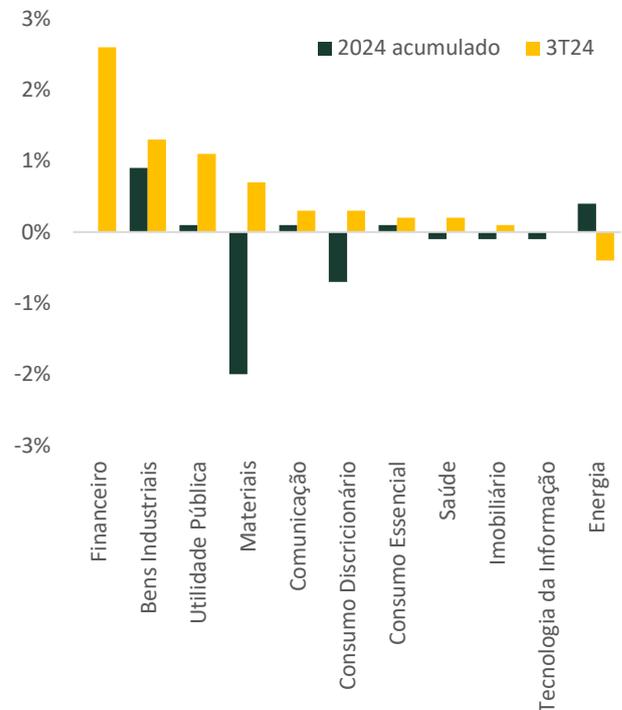
**Retorno anualizado desde o Início do Fundo BC 30 FIA: 27/08/2012

Panorama Macroeconômico

Após dois trimestres consecutivos de queda, o 3º trimestre de 2024 apresentou um resultado positivo para os ativos de risco no Brasil. Entretanto, mesmo com essa melhora, no acumulado do ano o Brasil ainda se destaca negativamente como uma das piores bolsas do mundo.

No gráfico a seguir, é possível observar a dispersão de retornos entre os setores do Ibovespa, com a alta do terceiro trimestre sendo impulsionada principalmente pelos setores financeiro e de bens industriais. Por outro lado, apesar da recuperação no terceiro trimestre do ano, o setor de materiais tem prejudicado significativamente o desempenho do índice em 2024, impactado pela queda das ações da Vale nesse período.

Performance setorial do Ibovespa no 3T24 e no acumulado de 2024



Fonte: Bloomberg.

Apesar da fraca performance da bolsa brasileira ao longo de 2024, os dados econômicos seguem relativamente animadores, com uma projeção de crescimento do PIB acima de 3%, trajetória da balança comercial positiva e nível de desemprego nas mínimas históricas. Além disso, no início de outubro, a Moody's, agência de *rating*, elevou a nota de crédito soberano do Brasil e manteve a perspectiva positiva para o país, refletindo uma trajetória construtiva em relação à economia. Embora os dados apontem para um cenário promissor, é crucial monitorar atentamente a inflação e a situação fiscal, pois esses fatores ainda representam riscos e têm afetado a confiança dos investidores.

Devido aos riscos mencionados anteriormente e visando aumentar sua credibilidade e estabilizar a economia, em setembro o Banco Central elevou a taxa de juros em 0,25%, levando a Selic para 10,75%. É válido ressaltar que esse movimento vai na contramão do restante do mundo, onde praticamente todos os países estão cortando juros. Inclusive, os Estados Unidos iniciaram o ciclo de afrouxamento monetário em setembro.

Embora o ambiente brasileiro continue desafiador para ativos de risco e as incertezas se mantenham elevadas,

diríamos que esse sempre foi o cenário do Brasil. Ao longo de 16 anos de história, sempre navegamos em um contexto de crescimento fraco, altas taxas de juros e inflação elevada. Historicamente, momentos como o que vivemos hoje representam as maiores oportunidades para os investidores da bolsa, uma vez que é possível investir em empresas líderes e bem geridas a preços muito atrativos. *“You make most of your money in a bear market, you just don’t realize it at the time¹.”* - Shelby Cullom Davis.

Nosso portfólio continua com um baixo nível de caixa, o que reflete nossa visão otimista em relação ao momento atual dos resultados das empresas e à margem de segurança que identificamos em nossos investimentos. Por fim, projetamos uma taxa interna de retorno superior a 30% para os próximos três anos, um resultado significativamente acima da média histórica.

Contribuições Positivas no Trimestre

Rede D’Or	1,12%
Equatorial	0,75%
Hapvida	0,60%

Rede D’Or foi novamente o principal destaque positivo da carteira no trimestre. Em [nossa última carta](#), escrevemos de forma mais detalhada o que nos levava a ter a companhia como uma posição relevante do fundo, e entendemos que esses fundamentos continuam presentes, sendo eles: momento de resultado excelente, posição diferenciada no setor e ótimo *track record* de alocação de capital, liderada pela figura da família controladora, bastante alinhada e envolvida no dia a dia da operação. Olhando para a trajetória do ano, entendemos que todos esses pilares têm se refletido em uma percepção mais positiva com relação à companhia por parte do mercado, o que levou a um aumento das expectativas financeiras e causou uma reprecificação das ações.

Aprofundando no tema, os resultados do segundo trimestre novamente apresentaram boas tendências em praticamente todas as linhas. No segmento de hospitais, a companhia entregou novamente uma adição de leitos acima do esperado, aliada a uma expansão de margens de 0,9% ano contra ano, contribuindo para que essa unidade de negócios entregasse resultado operacional acima do consenso de mercado. Vale destacar que a adição de leitos veio sem grandes projetos sendo operacionalizados ao longo do trimestre, o que ratifica o bom momento dos ativos da companhia e o

menor atrito comercial com algumas operadoras, que geraram ruídos em 2022 e 2023. No segmento seguradora, destaque para a dinâmica comercial, com a maior adição líquida de vidas dos últimos 7 trimestres, bem como para a sinistralidade, que novamente bateu os padrões sazonais históricos de forma relevante. Além disso, o resultado trouxe excelentes tendências no fluxo de caixa, com a companhia seguindo firme na trajetória de desalavancagem apesar de estar no pico de investimentos para o plano de crescimento. Olhando para frente, entendemos que a forte dinâmica operacional deve permanecer por algum tempo, por conta, principalmente, da operacionalização de diversos projetos ao final de 2024 e ao longo dos próximos anos, o que deveria auxiliar no crescimento de longo prazo e melhorar o ROIC consolidado da companhia.

Levando em conta os resultados do primeiro trimestre e todo o contexto que demos em nossa carta do 2º trimestre, entendemos que o mercado tem revisto as expectativas de resultados da companhia, o que inevitavelmente impulsiona o preço das ações. Conforme podemos ver abaixo, a companhia teve a maior revisão de EPS (lucro por ação), e EBITDA dentre companhias de saúde, o que faz com que ela seja a ação com melhor performance do setor no ano.

Comparação entre as empresas do setor

YTD	RDOR3	FLRY3	ODPV3	ONCO3	QUAL3	MATD3	HAPV3	DASA3
Perf. Ação	11,3%	-10,8%	7,4%	-62,6%	-32,1%	-45,5%	-10,1%	-71,7%
EPS 24	22%	-3%	2%	-65%	-39%	-30%	-11%	n.a.
EPS 25	12%	-4%	-1%	-45%	-45%	-31%	0%	n.a.
EBITDA 24	7%	3%	-1%	-17%	-4%	-19%	1%	-15%
EBITDA 25	11%	-1%	1%	-15%	-14%	-27%	2%	-14%

Fonte: Brasil Capital. Data base: Setembro/2024

Apesar da valorização das ações de Rede D’Or no ano, continuamos confiantes no longo prazo da empresa. Acompanhamos a trajetória da companhia desde antes do IPO, e nos tornamos acionistas há aproximadamente um ano. Entendemos que este é o melhor momento desde a abertura de capital, com uma confluência de fatores favoráveis à empresa: recuperação de resultados dos principais pagadores após 2 anos de reajustes de preço altos; operacionalização de diversos novos projetos de crescimento; posicionamento estratégico diferenciado com SULA e *Joint Venture* do Bradesco em um momento de fragilidade da concorrência hospitalar; e, por fim, um balanço robusto com possibilidades relevantes de alocação de capital para consolidação do

¹ "Você ganha a maior parte do seu dinheiro no *bear market*, só não percebe isso na hora."

setor. Dessa forma, seguimos com uma alocação relevante na Rede D’Or, enxergando bons retornos na ação.

Equatorial foi a segunda maior contribuinte de desempenho para o fundo no trimestre, principalmente devido à aquisição de uma participação significativa como acionista de referência da Sabesp em seu processo de privatização. A empresa foi a única a apresentar uma proposta para a aquisição de 15% da companhia, firmando um acordo de acionistas e governança com o Governo do Estado de São Paulo, visando à universalização do saneamento nas áreas de concessão até 2029, com um aumento relevante dos investimentos.

Nossa tese sobre a Equatorial sempre foi baseada em dois principais vetores de valor: (i) operação eficiente com *outperformance* em relação aos parâmetros regulatórios; e (ii) alocação de capital com grande disciplina na geração de valor. No que tange ao primeiro ponto, a empresa continua focada nas 7 distribuidoras, com investimentos anuais na casa de R\$ 5 bilhões, além de buscar o cumprimento de metas regulatórias de melhoria da qualidade, mantendo bons níveis de custos. Na alocação de capital, os últimos 2 anos marcaram exemplos claros de retornos expressivos aos acionistas, com a aquisição da CELG-D em 2023 e, nesse trimestre, a privatização da Sabesp, adquirida a um preço abaixo do mercado e sem competição.

O processo de privatização da Sabesp, com a participação da Equatorial de 15% na empresa, tem potencial para gerar um valor presente líquido (VPL) equivalente ao da aquisição de 100% da CELG-D, considerando o tamanho da companhia, a mudança no modelo regulatório que permite o reconhecimento anual dos investimentos na base de ativos, a captura de eficiências de OPEX e um agressivo plano de investimentos que visa à universalização do saneamento nas áreas de concessão. Além disso, há um relevante potencial de crescimento dentro e fora do Estado de SP nesse segmento.

Seguimos confiantes na trajetória da Equatorial como alocadora de capital e operadora de concessões públicas no Brasil, com alinhamento da gestão e margem de segurança relevante no *valuation* atual. Por conta disso, a empresa segue sendo uma posição relevante do fundo.

A Hapvida foi novamente uma das principais contribuições do trimestre. Assim como expressado na última carta, acreditamos que a companhia segue firme na trajetória de médio prazo de desalavancagem e redução da

sinistralidade, o que foi confirmado pelos resultados do 2º trimestre e sustentam nossa visão para a tese.

Entrando mais a fundo no resultado, houve boas indicações em diversas frentes. Primeiramente, a empresa teve a menor perda líquida de vidas em saúde dos últimos trimestres (excluindo não recorrente do 1º trimestre 2024), refletindo o final do ciclo de reajustes mais pesados e um cenário competitivo mais racional. Excluindo o *turnover* de funcionários de empresas clientes, a companhia teria apresentado crescimento pela primeira vez desde o 4T22, o que mostra uma dinâmica mais saudável entre adições brutas e cancelamentos de contratos e nos faz acreditar que a companhia tem capacidade de crescer organicamente nos próximos anos, o que é essencial para a tese de longo prazo e para o múltiplo justo pago pelo mercado na ação. Além disso, a empresa reportou uma sinistralidade caixa em pouco melhor que a sazonalidade histórica indicaria (apesar das dificuldades específicas desse trimestre como dengue e mais dias úteis), e com redução de 3,4 pontos percentuais ano contra ano, evidenciando os resultados das ações de contenção de custos tomadas desde ano passado e fortes repasses de preço.

Por fim, a geração de caixa, apesar de positiva, foi mais fraca do que em trimestres anteriores devido à pressão de depósitos judiciais, o que entendemos ser algo conjuntural e não estrutural e que deveria normalizar. As tendências estruturais de conversão de EBITDA em caixa operacional seguem saudáveis e continuamos enxergando uma trajetória de desalavancagem para a companhia nos próximos trimestres, com redução de dívida e crescimento de resultado operacional.

Além de uma dinâmica de resultados favoráveis, entendemos que, assim como ocorre no caso da Rede D’Or, a Hapvida é uma das companhias mais bem posicionadas no setor para capturar esse momento de retomada operacional, com um balanço desalavancado e oportunidades relevantes de crescimento.

Contribuições Negativas no Trimestre

Hypera Pharma	-0,42%
Cosan	-0,35%
Intelbras	-0,25%

Hypera Pharma foi a maior detratora de performance no trimestre. Após fortes resultados nos anos de 2021 e 2022 devido às epidemias respiratórias, como a Influenza e principalmente a COVID, a companhia e o setor apresentaram resultados abaixo das expectativas no ano de 2023. Já no ano de 2024, devido à piora da dinâmica competitiva (muitas farmacêuticas além da Hypera aumentaram sua capacidade produtiva durante a pandemia e começaram o ano com maiores níveis de estoque após uma demanda menor do que a prevista em 2023) e à ainda forte base de comparação do 1S23, a companhia apresentou resultados tímidos no 1S24, com receita crescendo apenas 2%, EBITDA Ajustado estável, mas com um importante aumento na geração de caixa operacional de 25% YoY.

No entanto, já vemos uma inversão desse cenário mais difícil e um ponto de inflexão nos resultados da companhia no segundo semestre de 2024. O *sell-out*² no 1S24 foi de aproximadamente 6,5% (versus 11% de crescimento do mercado, que esteve em linha com o crescimento do portfólio da Hypera, excluindo antigripais e correlatos que sofreram com a base mais difícil do 1S23) e deve fechar o 2S24 com crescimento acima de dois dígitos. Tudo isso acompanhado de uma melhora na conversão e na geração de caixa operacional da companhia, fruto de seus esforços para reduzir os patamares de estoque da companhia.

Dito isso, mais do que essa inflexão no momento de resultado da empresa, entendemos que as perspectivas de médio/longo prazo da companhia parecem atrativas. Foi por isso também, adotando uma visão mais agnóstica em relação aos resultados e ao momento de curto prazo, que decidimos voltar a investir na empresa no final de 2023. Nossa tese pode ser resumida em uma empresa com um portfólio de marcas fortes, capaz de aproveitar o crescimento do resiliente setor farmacêutico e com excelentes indicadores financeiros (como seu ROIC acima de 30% e geração de caixa histórica média de 75%).

O primeiro ponto é a qualidade do setor em que a Hypera está inserida. A Indústria Farmacêutica Brasileira é marcada por sua resiliência e alto crescimento (CAGR de 14% entre 2018 e 2023) e pela perspectiva de crescimento elevado no futuro, impulsionada pelo envelhecimento populacional, que é um motor de crescimento secular para o setor farmacêutico no país – estimativa de 9% de crescimento nos próximos 5 anos.

Com um *sell-out* em 2023 de R\$ 9,4 bilhões, representando um *market share* de 8%, acreditamos que a Hypera está bem posicionada para capturar esse crescimento, por três motivos: i) possui um portfólio completo, com marcas dominantes e consolidadas (21 das quais tiveram *sell-outs* superiores a R\$ 100 milhões em 2022); ii) investiu fortemente em suas capacidades de P&D (saindo de R\$ 180 milhões em 2018 para R\$ 620 milhões em 2023, aumentando de 4% para 8% da receita) e produção nos últimos anos, com a capacidade mais do que dobrando desde 2019, após o CAPEX anual sair de R\$ 250 milhões para mais de R\$ 450 milhões no mesmo período; e iii) atua em um mercado altamente regulado e com barreiras de entrada significativas.

Cosan foi a segunda maior detratora de performance do trimestre, as ações da empresa acumularam uma queda de -3,4% no período, acompanhando à performance das ações da Rumo no período, ao passo que tanto Raízen quanto Vale valorizaram. Em relação aos resultados, em agosto a companhia reportou uma melhora operacional em suas subsidiárias, enquanto o balanço já reflete a redução da exposição em Vale conforme anunciaram em fato relevante em abril de 2024, que ajudou a reduzir a dívida líquida da Cosan Holding, ainda que ainda seja um grande desafio diante desse ambiente macroeconômico, conforme discutimos em [nossa última carta](#). Outro ponto que chama a atenção é que, com os pagamentos de dividendos da Compass e da Moove no período, o índice de cobertura de juros aumentou de 1,1x para 1,3x, o que é positivo para a companhia e se aproximando do patamar de 1,5~2,0x que a administração atual considera adequado.

Nesse começo de outubro, a Cosan realizou a tentativa de IPO da Moove nos Estados Unidos, o que seria a primeira companhia brasileira depois de 3 anos a realizar esse processo. A tentativa não foi bem-sucedida por não atrair demanda a um *valuation* que a Cosan julgava ideal para o ativo, de forma que o grupo optou por uma postergação do processo, movimento semelhante ao que adotou no adiamento do IPO da Compass no fim de 2020.

Sobre a Moove, desde que comprou os ativos da Esso em 2008, a Cosan fez um trabalho muito forte de aumento de volumes e de rentabilidade, de forma que hoje a companhia praticamente dobrou a participação de mercado nesses 16 anos de atuação no Brasil em lubrificantes, indo de 10,6% para 20,4%. Paralelo a isso, a companhia conseguiu ser bem-sucedida ao crescer na América do Sul, na Europa e nos Estados Unidos, de forma que hoje mais de metade da sua

² "Sell-out" refere-se às vendas finais de produtos realizadas diretamente ao consumidor.

receita vem desses mercados. Sobre o negócio em si, vemos a Moove muito bem-posicionada ao operar lubrificantes *premium* e com claras vantagens competitivas tanto no *sourcing* de óleos básicos quanto no pós-vendas desse segmento e na percepção de marca superior *versus* os competidores. Além disso, é importante ressaltar que a companhia possui um ROIC alto, próximo dos 19%, e tem uma forte geração de caixa dado que o capital empregado e a necessidade de CAPEX de Manutenção são baixos.

Um ponto que chama a atenção para a tese de Moove é a grande fragmentação do mercado, principalmente nos EUA, em que a companhia é a líder no país e possui uma participação de apenas 3% do mercado total, que em termos de volumetria é muito maior *versus* o brasileiro. Essa oportunidade de consolidação da indústria por lá faz com que seja a geografia que mais enxergam espaço para crescimento, por isso o interesse de buscar uma listagem fora do Brasil. Acreditamos que o forte *track record* da Moove, sem contar a presença de uma equipe focada no negócio de lubrificantes e o perfil de forte geração de caixa do negócio permitem o avanço dessa agenda de expansão inorgânica.

Na ótica da Cosan, caso o processo de IPO fosse bem-sucedido, além de auxiliar no processo de desalavancagem do grupo dado que parte da oferta teria uma venda de suas ações, faria com que o mercado tivesse uma referência de precificação diária para esse negócio, destravando valor ao reduzir as assimetrias de *valuation* de um ativo que até então está subvalorizado dentro do portfólio do grupo. Contudo, dado que o valor levantado seria pequeno em relação à Dívida Líquida da *holding*, a espera de uma janela mais favorável para o IPO faz sentido ao invés de vender a qualquer custo. Continuamos com a visão de que o IPO das subsidiárias, principalmente a Compass, seriam grandes catalisadores para o destravamento de valor das ações do grupo.

A Intelbras, apesar de uma posição menos relevante para o fundo, foi a terceira maior detratora do fundo no trimestre. Identificamos dois principais fatores que contribuíram para esse impacto. Primeiro, o resultado do segundo trimestre de 2024, divulgado em agosto, foi ligeiramente inferior às expectativas do mercado, devido à pressão nas margens causada pela variação cambial e pelo aumento dos custos, além do atraso no *ramp-up* das novas parcerias, que enfrentaram problemas na produção local. Apesar dessa pressão sobre as margens, a receita dos segmentos apresentou um bom desempenho, com crescimento sequencial.

O segundo fator relevante foi a geração de caixa, que foi e continuará sendo impactada pelo aumento de estoques

relacionados à planta da Zona Franca de Manaus. Em razão da seca na região norte do país, a empresa está aumentando seus estoques preventivamente, o que gerou uma queima de caixa no trimestre e deve continuar ao longo de 2024.

Para os próximos trimestres, esperamos uma evolução natural dos resultados, com aceleração no crescimento da receita ao longo do tempo, embora as margens devam permanecer pressionadas pelos mesmos fatores observados no segundo trimestre de 2024. Além disso, vemos um processo de sucessão bem elaborado, com a sucessão do CEO para o Conselho e o atual superintendente de Comunicação assumirá o cargo. Não prevemos rupturas na empresa e esperamos uma continuidade do time de gestão dado o alinhamento previsto, assim como acreditamos na manutenção da capacidade de crescimento da empresa nos próximos anos em consequência das parcerias assinadas e do forte posicionamento da empresa perante aos canais de distribuição.

Agradecemos a confiança.

Equipe Brasil Capital

Brasil Capital FIC FIA - Setembro 2024

Brasil Capital FIC FIA (Cod Bloomberg: BCFIAND Index; Cód Anbima: 219436) - Classificação Anbima: Ações Livre

Objetivo: O Brasil Capital FIC FIA é um fundo de investimento que tem como objetivo gerar retornos reais superiores ao custo de oportunidade dos nossos cotistas no médio e longo prazos, investindo em ativos de renda variável.

Política de Investimento: O fundo tem um horizonte de investimento de longo prazo, o que permite uma estreita relação com as empresas investidas e profundo conhecimento dos seus mercados de atuação. As empresas são selecionadas através de critérios fundamentalistas.

Público Alvo: Exclusivamente investidores qualificados, conforme definição da instrução CVM 555/2015.

Rentabilidade

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Fundo Ano	IBOV Ano	Acum. Fundo	Acum. IBOV
2008										-10,9%	4,7%	6,5%	-0,6%	-8,0%	-0,6%	-8,0%
2009	11,1%	3,1%	-0,6%	30,8%	15,5%	4,8%	15,3%	6,5%	6,6%	3,1%	8,3%	8,6%	185,6%	82,7%	183,9%	68,0%
2010	1,4%	0,8%	4,6%	-0,8%	-8,7%	1,9%	11,1%	5,3%	5,5%	6,6%	4,0%	3,1%	39,0%	1,0%	294,4%	69,7%
2011	-2,1%	-0,1%	1,6%	4,7%	-3,0%	-1,8%	-5,5%	2,3%	-6,4%	3,4%	-4,0%	3,8%	-7,7%	-18,1%	264,2%	39,0%
2012	9,7%	8,0%	6,8%	0,7%	-2,1%	3,5%	4,8%	2,1%	3,9%	4,8%	0,5%	7,1%	62,2%	7,4%	490,8%	49,3%
2013	2,7%	2,6%	-3,6%	1,7%	-4,6%	-9,1%	3,7%	-2,9%	-0,1%	3,9%	4,0%	-3,1%	-5,7%	-15,5%	456,9%	26,2%
2014	-9,6%	-1,6%	2,4%	1,2%	2,5%	4,7%	1,2%	4,1%	-2,9%	2,0%	2,2%	-3,2%	2,0%	-2,9%	467,7%	22,5%
2015	-8,4%	1,9%	3,1%	2,0%	1,7%	1,4%	-1,9%	-5,9%	-4,7%	5,0%	-0,9%	0,8%	-6,6%	-13,3%	430,6%	6,2%
2016	-5,6%	6,1%	10,3%	8,7%	3,4%	1,3%	8,7%	1,6%	1,4%	6,3%	-8,7%	0,0%	36,6%	38,9%	624,8%	47,5%
2017	6,2%	4,0%	2,2%	0,3%	-2,4%	2,6%	4,1%	5,9%	4,0%	0,5%	-0,5%	3,5%	34,5%	26,9%	875,3%	87,1%
2018	6,1%	0,2%	0,8%	-1,6%	-8,1%	-3,8%	4,5%	-4,2%	1,1%	12,7%	5,7%	-0,1%	12,2%	15,0%	994,2%	115,3%
2019	12,0%	0,0%	0,0%	1,9%	3,2%	4,2%	4,2%	2,1%	3,5%	3,2%	1,8%	10,0%	56,2%	31,6%	1.608,6%	183,2%
2020	1,3%	-7,5%	-36,6%	13,8%	7,6%	12,3%	10,3%	-1,8%	-4,7%	-0,6%	12,9%	7,6%	1,9%	2,9%	1.640,5%	191,5%
2021	0,7%	-2,0%	-0,1%	2,2%	1,2%	2,4%	-2,5%	-1,8%	-6,5%	-13,1%	-3,5%	2,6%	-19,6%	-11,9%	1.298,9%	156,7%
2022	4,2%	-3,5%	6,7%	-9,4%	1,0%	-12,5%	5,9%	4,6%	0,2%	7,6%	-5,1%	-2,7%	-5,3%	4,7%	1.225,2%	168,8%
2023	2,1%	-4,6%	-2,3%	4,3%	8,5%	11,5%	6,2%	-6,5%	-0,9%	-6,3%	12,4%	5,4%	30,8%	22,3%	1.633,7%	228,7%
2024	-5,7%	-0,7%	-0,1%	-6,1%	-1,2%	2,3%	2,8%	3,9%	-4,3%				-9,2%	-1,8%	1.474,2%	222,8%

* Início do Fundo: 13/10/2008

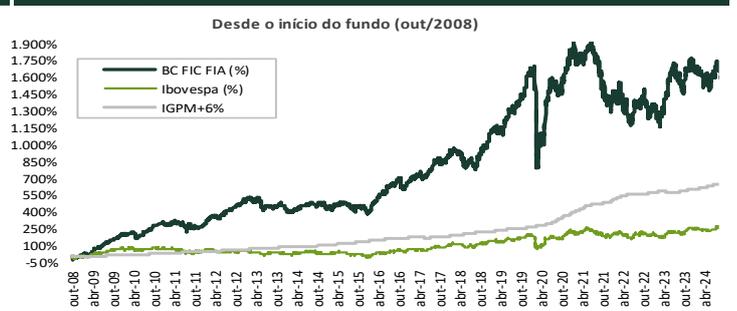
Estatísticas

	BC FIC FIA	IBOV
Retorno desde Início	1474,2%	222,8%
Retorno Anualizado	18,9%	7,6%
Desvio Padrão Anualizado*	22,2%	26,5%
Índice de Sharpe**	0,92	-
Núm. de meses negativos	65	86
Núm. de meses positivos	127	106
Núm. de meses abaixo do Ibovespa	85	-
Núm. de meses acima do Ibovespa	107	-
Maior Rentabilidade Mensal	30,8%	17,0%
Menor Rentabilidade Mensal	-36,6%	-29,9%
Patrimônio Líquido (R\$MM) em: 30/09/2024	154,4	-
Patrimônio Líquido Médio 12m (R\$MM)	180,0	-
Última Cota do Mês em: 30/09/2024	15,741810	-

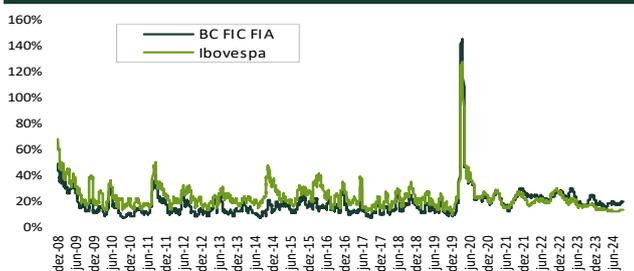
* Desvio padrão anualizado - desde o início do Fundo

** [(Retorno Anualizado BC FIA) - (Retorno Anualizado CDI)] / (DP anualizado BC FIA)

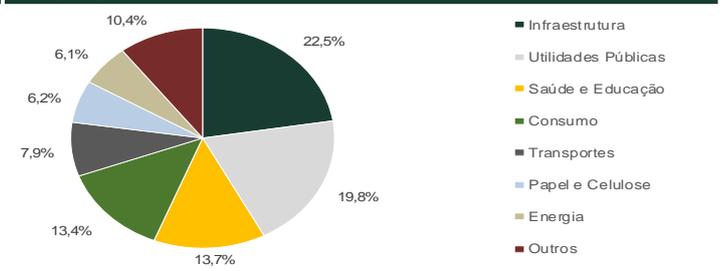
Retornos (%)



Volatilidade anualizada - janelas móveis 21 dias



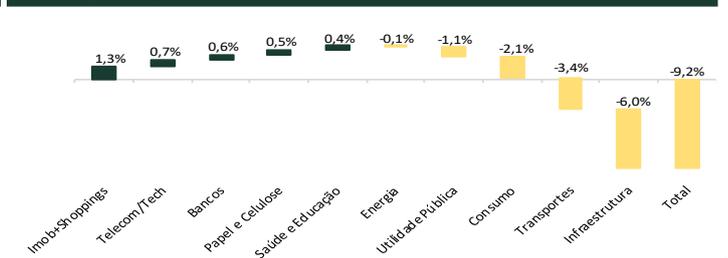
Composição da carteira - Setembro 2024



Informações

- Aplicação mínima inicial: R\$ 100.000,00
- Aplicações Adicionais: R\$ 10.000,00
- Cota de aplicação: D + 0 (fechamento)
- Cota de resgate: D + 14 (fechamento) d.u.
- Liquidação financeira: D + 2 da cotização
- Tributação: 15% de IR (sem comecotas)
- Taxa de Administração: 1,5% a.a.
- Taxa de Performance: 20% do que exceder IGPM+6% ao semestre
- Dados bancários: Favorecido: Brasil Capital FIC FIA; Banco: BNY Mellon (17); Agência: 1; C/C: 2125-3; CNPJ: 09.577.036/0001-07

Atribuição de performance - em 2024



Gestor: Brasil Capital • Administrador: BNY Mellon • Custódia: BNY Mellon • Auditor: KPMG
 Rua Joaquim Floriano, 960 Cj 51 • São Paulo, SP - Brasil • 04534-004 • Tel: +55 11 5105-0600 • Fax: +55 11 5105-0608
 contato@brasil-capital.com • www.brasilcapital.com

A BC Gestão de Recursos não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. Os Fundos de Investimento não contam com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Fundos de ações com renda variável podem estar expostos a significativa concentração em ativos de poucos emissores, com os riscos daí decorrentes. Categoria ANBIMA: Fundo de Investimento de Ações Outros. Este fundo é supervisionado e fiscalizado pela Comissão de Valores Mobiliários - CVM (Serviço de atendimento ao Cidadão em www.cvm.gov.br). As estratégias de investimento do fundo podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas.

